

PALESTRA:
FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO:
UM ESTUDO SOBRE AS FESTAS DO ESPÍRITO SANTO EM PORTUGAL

LUIZ NILTON CORRÊA¹

Resumo: Com provável origem nas festas pagãs e adotada pela igreja sob as insígnias da Santíssima Trindade, as Festas em Louvor ao Divino Espírito Santo receberam grande importância em Portugal a partir de finais da Idade Média, sobretudo através do fomento da Rainha Santa Isabel e Don Diniz, que inseriram muitos rituais e os símbolos monárquicos nas festividades. Deste período sobraram as dezenas de capelas espalhadas pelo território, contando-se, somente na Beira Interior, mais de três dezenas datadas de séculos XV ao XVII. Nos Açores, já no século XIX, estas festas adquiriram um caráter identitário, da mesma forma que no Brasil, transformando-se em um dos principais marcadores identitários dos Açorianos, tanto nos Açores quanto nas Américas, ou mesmo em Portugal Continental. Nas ilhas as festas acontecem das mais variadas formas, mesmo a nível de freguesia, as diferenças são perceptíveis, como na Relva, em Ponta Delgada, onde celebram-se seis festividades anualmente, cada uma com características próprias, a do Império da Trindade, por exemplo, são organizadas pela comunidade, sem que haja uma irmandade ou estatutos definidos. Inicia após a páscoa, seguindo por sete semanas, com coroações e cortejos semanais culminando num grande banquete ao estilo medieval com pão, vinho e carne para mais de um milhar de pessoas.

Palavras-chave: Festa do Divino. Festa do Espírito Santo. Açores. Identidade Cultural.

1 ESPÍRITO SANTO EM PORTUGAL

A “estratégia” ou costume da igreja cristã em adaptar cerimônias e locais de cultos pagãos ao cristianismo, provavelmente, foi utilizada também nas manifestações em homenagem à Santíssima Trindade. Talvez por isto, as Festas do Espírito Santo disseminaram-se tão amplamente pelo território português. No entanto, não podemos esquecer ainda do importante papel da Rainha Santa Isabel e de Dom Dinis como fomentadores das cerimônias por todo o reino, das ideias Joaquinistas, da representante do

¹ Professor Doutor Luiz Nilton Corrêa, graduado em História pela Universidade dos Açores em Portugal com Mestrado em História Insular e Atlântica pela mesma universidade. Possui Diploma de Estudos Avançados em Antropologia pela Universidade de Salamanca e Doutorado em Antropologia de Iberoamérica pela mesma universidade espanhola. Contato: luiznilton@yahoo.com.br.

papel beneficente da Rainha e do reforço do poder que as insígnias reais davam a quem as recebessem. Talvez até como uma espécie de propaganda da monarquia na sociedade.

Sem dúvida, podemos afirmar que foi a própria família real quem fez com que as Festas do Espírito Santo, na península Ibérica, acabasse por se manter atualmente, apenas em Portugal, sem que haja informações sobre sua realização em alguma parte do território espanhol. Apesar de existirem referências históricas de que em Espanha, entre finais de Idade Média e Início do período Moderno, houvessem a realização dos “*vodos*” de Santiago e de Espírito Santo² em várias localidades.

Para além da Península Ibérica, podemos encontrar investigadores como Toni Jochem³, que nos informa que estas manifestações também eram comuns no território da atual Alemanha, existindo ainda naquele país, assim como em Portugal, hospitais de origem medieval cujo o nome faz referências à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Assim como em Portugal, onde ainda encontramos dois únicos hospitais portugueses com nome Divino Espírito Santo localizados em Évora e em Ponta Delgada, o primeiro com origens medievais e o segundo recebeu este nome já na década de 70 do século XX.

Ainda em Portugal, para além destes dois hospitais, encontramos capelas dedicadas ao Espírito Santo um pouco por todo território, sobretudo na região de Beira, onde podemos encontrar, através dos estudos de Maria Adelaide Salvado, mais de três dezenas destas capelas dedicadas a Santíssima Trindade, quase todas de origens medievais e do Período Moderno.

Em seu trabalho sobre o culto do Espírito Santo em Beira Baixa⁴, a autora faz referência à capela do Espírito Santo no centro da cidade Castelo Branco, que remonta ao século XVI. Além desta, ainda aponta a existência de uma capela do Espírito Santo em

² Cf. Eduardo Etzel. **Divino: Simbolismo no Folclore e na Arte Popular**. São Paulo: Livraria Kosamos Editorial, 1995, p. 61.

³ Investigador da Festa do Espírito Santo de Santo Amaro da Imperatriz, em Santa Catarina, e um dos mais importantes historiadores da cultura alemã no estado de Santa Catarina.

⁴ Cf. Maria Adelaide Neto Salvado. **O Culto do Espírito Santo em Terras de Beira Baixa - as longínquas raízes**. Cáceres: BAND, 1998.

Nisa e mais oito pelo Concelho de Idanha-a-Nova, construídas nos séculos XVI e XVII⁵; outras duas capelas em Vila Velha de Rodão; duas no Concelho de Sertã, datadas do século XVI; uma no Concelho de Carnache do Bonjardim do século XVIII; mais seis no concelho de Penamacor; outras seis capelas no Concelho do Fundão; duas no Concelho de Proença-a-Nova; uma no Concelho de Oleiros; uma no Concelho de Covilhã; além de uma no Concelho de Belmonte⁶.

Nesta região também eram utilizadas as mesmas insígnias utilizadas nos Açores e em algumas regiões do Brasil: a Bandeira do Divino, vermelha, com a Pomba bordada no seu centro; por vezes uma Pomba em madeira no topo do mastro da bandeira e uma coroa que, em algumas regiões, era em prata, as mesmas utilizadas em Portel, no Alentejo. É importante também observar que as festividades na Beira iniciavam no Domingo de Páscoa repetindo-se a cada Domingo até o dia de Pentecostes⁷. Um calendário semelhante ao utilizado nos Açores, cujas as semanas entre a Páscoa e o dia de Pentecostes, no caso da Freguesia da Relva, são chamadas de Domingas.

Hoje Portugal possui Festas do Espírito Santo sobretudo no Arquipélago dos Açores. No continente, a festa limita-se a locais como Tomar, Soure, Faro, São Bartolomeu de Messines ou outros locais que ainda preservam suas tradições, ou onde a comunidade açoriana resgatou ou reintroduziu as festas que não eram realizadas há anos. Uma tendência que tem vindo a se fortalecer no decorrer das últimas décadas, da mesma forma que tem vindo a acontecer no Brasil e Estados Unidos da América.

Nos Açores, o cronista açoriano Gaspar Frutuoso descreveu a primeira cerimônia religiosa das ilhas como sendo uma missa ao Espírito Santo, rezada a bordo de uma embarcação ao largo da ilha de Santa Maria, a primeira a ser descoberta, por volta de 1430.

⁵ Capelas do Espírito Santo de Alcafozes, Loreiro (séc. XVII), Monsanto (séc.XVI), Oledo (séc. XVI), Zebreira, Penha Garcia, Idanha-a-Verlha (séc.XVI) e Romaninhal. In: SALVADO, Maria Adelaide Neto. Op., cit., P. 41.

⁶ João Leal faz referência também as Festas do Espírito Santo no Continente Português e se seu desaparecimento ao longo do século XIX e XX. In: LEAL, João. **Cerimonial Relações Sociais e Tempo: As Festas do Espírito Santo nos Açores** (Tese de Doutoramento em Antropologia Social). Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, 1992. p. 349.

⁷ Maria Adelaide Neto Salvado. **O Culto do Espírito Santo em Terras de Beira Baixa - as longínquas raízes**. Cáceres: BAND, 1998. p. 45.

As ilhas foram dadas à Ordem de Cristo de Tomar, com responsabilidades religiosas do arquipélago, também eram responsáveis pela educação da população dentro da religião católica, sendo os franciscanos os primeiros organizadores do culto católico nas ilhas. Estes eram também, os difusores das ideias joaquinistas⁸, conseqüentemente, responsáveis pela introdução do culto ao Espírito Santo nos Açores.

Hoje, podemos encontrar exemplos do culto do Espírito Santo em todas as ilhas do arquipélago, ao ponto de atualmente se transformarem no símbolo de identidade cultural dos açorianos, principalmente açorianos dos que saíram dos Açores ao longo dos últimos séculos, transformando-se em marco diferenciador da “cultura açoriana” dentro de território português, e identificador dos próprios açorianos que seguiram destinos em outras regiões de Portugal ou em outros países e continentes, como os Estados Unidos da América e Canadá.

Estas manifestações atingem seu grau máximo em cores e rituais nas ilhas do grupo central do Arquipélago, sobretudo na Ilha Terceira, onde representam o exemplo cultural mais vivo e rico de todo território português, ou em São Miguel onde as festas estão tão disseminadas que mesmo em pequenas freguesias realizam-se cinco, seis ou mais festas, todas organizada por iniciativa popular, sem a necessidade de irmandades ou confrarias para promove-las.

Estes dois exemplos ajudam a ilustrar o fato de que a presença das festividades em todas as ilhas demonstram particularidades que, provavelmente, o isolamento e o tempo criou, ao ponto de possuírem diferenças facilmente identificáveis, de ilha para ilha. Diferenças que em escala mais reduzida podem atingir o nível local, sendo identificada mesmo entre freguesias diferentes, ou até entre impérios diferentes dentro da uma mesma freguesia, como acontece na Freguesia da Relva, entre a festa realizada pelo Império da Trindade e pelo Império da Festa, também da Freguesia da Relva.

⁸ Joaquim de Fiore era um monge eremita, nascido em 1130, em Célico, na Itália, e apresentou uma teoria da história baseada nas perspectiva cristã, em que a história evoluía em idades baseadas na Santíssima Trindade, começando pela idade do Pai, em que a humanidade estaria submissa a religião; a idade do Filho, caracterizada por uma salvação de responsabilidade de cada um; e uma terceira idade, chamada idade do Espírito Santo, em que o homem estaria apto a gerir uma igualdade e solidariedade, uma idade de inocência e pureza..

Nos Açores, a festa tornou-se tão identificadora da cultura açoriana que a data dedicada ao arquipélago é comemorada no dia de Pentecostes, conhecido como o Dia da Pombinha, tendo sido instituída por decretado, como feriado regional, desde de 1980, dia dos Açores. Fato que tem vindo a ser explorado cada vez mais por todo o Arquipélago, havendo até mesmo uma certa promoção turística voltada aos festejos do Espírito Santo, existindo inclusive uma festa promovida pela autoridade municipal local, a Festa do Espírito Santo de Ponta Delgada.

Esta conotação identitária, teve seu exemplo máximo durante as lutas do movimento pela independência dos Açores, quando a FLA (Frente de Libertação dos Açores), na década de 70 do século XX, criou uma rádio pirata com o objetivo de divulgar seus ideais, cujo as transmissões iniciava com o Hino do Espírito Santo.

2 FESTAS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO: DA DIÁSPORA E O BRASIL

No Havaí, EUA, Canadá, Bermudas e no Brasil, em lugares como São Paulo, Toronto ou São José da Califórnia, regiões que ao longo do século XIX e XX, receberam gentes vindas dos Açores, estes ilhéus passaram a organizar festas dedicadas ao Espírito Santo, buscando realiza-las da mesma forma como eram realizadas nos Açores, como uma espécie de comemoração aos Açores, à identidade açoriana.

Ao longo das últimas décadas, estas festas passaram adquirir um significado, talvez, sem precedentes. Só na Califórnia contabilizam-se mais de duas centenas de Festas dedicadas ao Divino Espírito Santo anualmente. No Havaí, onde a emigração açoriana seguiu em levas específicas há mais de cem anos, ainda podemos encontrar vestígios desta manifestação nas comunidades originadas por estes açorianos.

Na maioria dos locais onde esta imigração é recente, as festas tendem a ser recriadas tendo por modelo as festas realizadas nas ilhas de origem, e as vezes até mesmo de acordo com as festas realizadas na freguesia de origem destas comunidades. O que pode ser visto com mais clareza nas Grandes Festas na Nova Inglaterra, onde se assimilam e se misturam elementos das diversas ilhas, como o Bodo de Leite⁹ existente na Ilha Terceira e as Pensões originárias da Ilha de São Miguel¹⁰.

No Brasil, as primeiras Festas do Divino conhecidas, datam de 1761 em Pindamonhangaba, no estado de São Paulo, ou em 1765, em Salvador, na Bahia¹¹, onde também há uma Irmandade do Divino Espírito Santo, fundada em 1770¹², no Bairro do Carmo. Porém, é provável que antes destas datas já existissem festas dedicadas a Santíssima Trindade, mesmo celebradas nas comunidades portuguesas que se formavam ao longo do Brasil deste o século XVI, e que reproduziam a cultura transplantada de Portugal para a nova terra.

Em Florianópolis, as referências mais antigas sobre a realização de Festas do Divino Espírito Santo e das Irmandades do Divino, remontam o ano de 1776. A Irmandade do Divino Espírito Santo da Paróquia de Nossa Senhora do Desterro, por exemplo, tem sua data de fundação no ano de 1773, a primeira coroação só vem a acontecer em 1806.

Em Florianópolis, atualmente, existem três irmandades do Divino Espírito Santo ainda ativas, a Irmandade da Capela do Divino Espírito Santo da Paróquia de Nossa Senhora do Desterro, a Irmandade da Paróquia Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha

⁹ Apesar de se tratar de um elemento das festas realizadas na Ilha Terceira, o Bodo de Leite também é utilizado pelo Império da Festa na Freguesia da Relva em São Miguel, o único exemplo deste elemento nos Açores.

¹⁰ Cf. João Leal. **Açores, EUA, Brasil: Imigração e Etnicidade**. Direcção Regional das Comunidades: Nova Gráfica Lda, 2007. p. 36.

¹¹ Cf. Eduardo Etzel. **Divino: Simbolismo no Folclore e na Arte Popular**. São Paulo: Livraria Kosamos Editorial, 1995, p. 43.

¹² Cf. Eduardo Etzel. **Divino: Simbolismo no Folclore e na Arte Popular**. São Paulo: Livraria Kosamos Editorial, 1995, p. 172.

e a Irmandade da Capela de Nossa Senhora das Necessidades de Santo Antônio de Lisboa¹³.

Sobre as origens da festa podemos afirmar sem margem para dúvidas que as Festas do Espírito Santo que existem hoje nos Estados Unidos da América¹⁴, Canadá, Bermudas e Havaí tiveram origem nos Açores. Porém, grande parte das Festas do Espírito Santo realizadas por todo Brasil provavelmente tiveram origem nas festas realizadas na parte continental de Portugal, poucas podem, talvez, ter origem diretamente nos Açores, uma vez que em Portugal (continente), durante o século XV a XVIII, existiam inúmeras Festas do Espírito Santo com coroação, cortejo, bodos e todas as insígnias que encontramos em comum nas Festas do Espírito Santo conhecida na Europa e Américas. E mesmo por haver um certo sincretismo com manifestações culturais afro-brasileiras, como no caso dos congados ou das festas celebradas no Estado do Maranhão.

Sejam descendentes de portugueses ou indígenas, a festa muitas vezes tem o mesmo conjunto de rituais e as insígnias são, sobretudo, semelhantes. Uma das mais interessantes pode ser talvez a Festa do Divino Espírito Santo dos índios Karipuna no interior do Amapá, praticamente na divisa com a Guiana Francesa. Tem nove dias de duração e preserva vários símbolos da Festa do Divino Espírito Santo, a bandeira, a coroa, há um novena rezada em latim, foliões e recolha das esmolos¹⁵. E assim, como no Sul do Brasil, os devotos beijam as fitas penduradas na imagem do Espírito Santo e a pombinha. Sua origem¹⁶ esta ligada a primeira capela em louvor ao Divino Espírito Santo na região datada da década de 1930¹⁷.

¹³ Cf. Lélia Pereira da Silva Nunes. **Um Olhar Sobre o Espírito Santo em Santa Catarina: O contributo cultural da Diápora Açoriana**. Disponível em: <<http://www.comunidadesacorianas.org>> Acesso em: 20 Set. 2011.

¹⁴ Para saber mais, consultar: João Leal. **Açores, EUA, Brasil: Imigração e Etnicidade**. Direcção Regional das Comunidades: Nova Gráfica Lda, 2007.

¹⁵ Joi Cletison. **Festas do Divino Espírito Santo**. Disponível em: <<http://www.portaldodivino.com/nea/joi.htm>> Acesso em: 20 Jun. 2011.

¹⁶ Antonella Maria Imperatriz Tassinari. **No bom da festa: o processo de construção cultural das famílias karipuna do Amapá**. São Paulo: EDUSP. 2003, p. 413. Disponível em: <<http://www.portaldodivino.com/Karipuna/karipuna.htm>> Acesso em 22 Set. 2013.

¹⁷ Antonella Maria Imperatriz Tassinari. **Da mudança à tradição: o processo de construção da religiosidade dos índios Karipuna do Amapá/Brasil**. Disponível em: <<http://www.naya.org.ar/religion/XJornadas/pdf/6/6-Tassinari.PDF>> Acesso em 22 Set. 2013.

Na cidade de Bocaiúva, em Minas Gerais, durante o mês de Maio é realizada uma outra festa, a Festa do Divino Espírito Santo de Bocaiúva, criada por João Vieira Dias em 1985. E no Vale do Guaporé, no estado de Rondônia, existe uma outra Festa do Divino Espírito Santo que, segundo os moradores da região, é comemorada desde 1899, introduzida por Manuel Fernandes Coelho¹⁸, transformando-se numa das maiores festividades da região e criando um elemento muito interessante, chamado Barco do Divino.

No vale do Guaporé, nos meses da festa, entre Abril e Junho, os foliões, remadores e as insígnias do Espírito Santo seguem num batelão, conhecido como Barco do Divino, pelas cidades ribeirinhas, colhendo donativos para os festejos, iniciando sempre na cidade onde foi realizada a festa no ano anterior, e onde o imperador entrega a coroa e a bandeira, que depois percorre as comunidades ribeirinhas até a celebração final da festa.

Em Pirenópolis, no estado de Goiás, a Festa Divino Espírito Santo é registrada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Cultural Brasileiro. É realizada¹⁹ pelo menos desde 1819, data do primeiros registros de imperadores²⁰. E em Santo Amaro da Imperatriz, uma cidade do litoral catarinense, a festa é realizada desde 1854, e segundo consta, originou-se pelo desejo da população “maioritariamente de origem açoriana”, e do consentimento do Padre Macário César de Alexandria e Souza, pároco de São José, na época.

Porém, uma vez que em 1845, a região recebeu a visita do casal imperial Dom Pedro II e Dona Teresa Cristina, e muito provavelmente esta visita tenha exercido uma forte influência no desejo da comunidade em realizar a festa, criada nove anos depois. A Irmandade do Divino Espírito Santo de Santo Amaro da Imperatriz foi criada a somente em 1875.

¹⁸ Quando de sua mudança de residência de Vila Bela do Mato Grosso para a localidade de Ilha das Flores levando consigo os festejos com a Coroa e a Bandeira do Divino.

¹⁹ Cf. Eduardo Etzel. **Divino: Simbolismo no Folclore e na Arte Popular**. São Paulo: Livraria Kosamos Editorial, 1995, p. 96.

²⁰ IPHAN. **Iphan Avalia Registro de Festa em Pirenópolis, em Goiás, Como Patrimônio Cultural Brasileiro**. Disponível em <www.maxpressnet.com.br/e/iphan/iphan_13-04-10b.html> Consultado em: 20 set. 2011.

De forma geral, no Brasil, independente do símbolo identitário ou cultural dos grupos sociais que as organizavam, a Festa do Divino chegou a ser proposta como símbolo nacional, sendo depois proibida com a Proclamação da República²¹, e quase desapareceu em meados do século XX, voltando, já nas últimas décadas do século XX, a transformar-se em um elemento cultural comum a quase todos os estados brasileiros.

3 IMPÉRIO DA SANTÍSSIMA TRINDADE: RELVA - AÇORES

Na ilha de São Miguel, as festas em louvor ao Divino Espírito Santo acontece por toda a ilha, em cada rua ou freguesia. E ali, assim como nas outras ilhas, a geografia acidentada e conseqüente isolamento desenvolveu diferenças distintivas e características específicas de cada localidade. Como na Freguesia da Relva²², no conselho de Ponta Delgada, onde são realizadas diversas festividades ao longo do ano, e onde também apresentam-se singularidades pertinentes de serem citadas, como os nomes e rituais que as envolvem.

Deste modo, no vocabulário, pode-se esclarecer que as Capelas do Espírito Santo, que em muitas ilhas, assim como no Brasil, também são conhecidas como Impérios do Espírito Santo, na Relva, de acordo com uma de minhas informantes da Freguesia da Relva, Carolina Soares²³, chamam-se “Triato”, ou “Teadro”, como diz João Medeiros²⁴, outro informante daquela freguesia, que também esclarece que naquela freguesia existem dois “Triatos”, um do Império da Trindade e outro do “Império da Festa” (Dia de Pentecostes).

²¹ Cf. José Reginaldo Santos Gonçalves; Marcia Cotins. **Entre O Divino E Os Homens: A arte nas festas do Divino Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do rio de Janeiro, 2008. p. 73.

²² A Festa do Divino Espírito Santo realizada pelo Império da Trindade na Freguesia da Relva foi alvo de meu estudo de doutorado em Antropologia Cultural pela Universidade de Salamanca, em Espanha, cujo tema foi “Festado do Divino Espírito Santo: Dos Açores ao Brasil, um estudo comparativo”.

²³ Entrevista com Carolina Soares, moradora da Freguesia da Relva e participante ativa dos festejos do Espírito Santo, realizada em Junho de 2010.

²⁴ Entrevista com João Medeiros, morador da Freguesia da Relva durante os festejos do Espírito Santo de junho de 2011.

Teadro, que segundo João Medeiros também é chamado de Triato, é o local onde são expostos os símbolos do Espírito Santo: a Coroa, a Bandeira, o Espeto, além da Salva e do Cetro, este último também conhecido por Mesura. São poucos os dias que estas insígnias permanecem no seu interior, uma vez que na maior parte do tempo encontra-se nas casas dos responsáveis por cada domingo, ao longo do ano, permanecendo no edifício apenas na semana da festa, quando esta é realizada por uma comissão.

Na Freguesia da Relva existem seis impérios do Espírito Santo: o Império de São Pedro, o Império de São João, o Império do Corpo de Deus, Império da Trindade, Império da Festa e Império Bandeira da Ascensão. Todos organizam seus impérios e tornam o tempo das festas mais rico. E neste contexto, é importante lembrar também que “Império” na Relva é o nome que se dá, de modo geral, a todo o ritual que acontece durante a festa²⁵, ou seja, o nome que se dá à festa em si, desde a preparação e consumo dos alimentos até a procissão e a escolha dos organizadores da festa do ano seguinte.

Dentro dos rituais que envolvem as Festas do Espírito Santo na Freguesia da Relva também está o sorteio das domingos, onde se define quem ficará com as insígnias do Espírito Santo durante as semanas que antecedem o dia de Pentecostes. A este ritual chama-se “Sortear as Domingas” ou “Tirar as Domingas” ou mesmo “Tirar a Sorte das Domingas”. E para tirar as domingos é preciso pôr a “Sorte no Vaso”.

Para tornar tudo mais claro é importante lembrar que “Dominga” é o nome dado a cada uma das seis semanas que antecede a semana da festa, onde em cada uma delas, um morador da freguesia Relva, sorteado previamente no final da festa do ano anterior, fica responsável pelas insígnias do Espírito Santo em sua residência, prepara um altar em uma das dependências e organiza novenas e um cortejo e coroação ao final de cada semana.

Outro símbolo importante na Freguesia da Relva, assim como em quase todas as Festas do Espírito Santo que encontrei referência nas comunidades açorianas nos Açores e

²⁵ Em Santa Maria, acontece o mesmo. In: João Leal. **Cerimonial Relações Sociais e Tempo: As Festas do Espírito Santo nos Açores** (Tese de Doutorado em Antropologia Social). Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da empresa, 1992. p. 35.

fora delas, são os Foliões ou a “Folia do Divino”. Um grupo²⁶ de músicos que acompanham muitos dos rituais durante a realização do império, dando um caráter lúdico aos atos como a Entrega das Pensões, Buscar o Vinho, entre outros.

Um dos rituais que talvez possa ser definido como o início de um novo ciclo das Festas do Espírito Santo, é a escolha do mordomo e o sorteio das domingas. Ritual que acontece no fim da festa, nas últimas horas do dia principal. Após tirar as domingas, assim como nos outros impérios da Relva, no Império da Trindade, o mordomo da festa “Sobe no Teadro” e pergunta aos presentes se há alguém que deseja se apresentar como mordomo para o próximo ano, e ali, diante de todos, os interessados se apresentam e declaram suas intenções. E o povo é quem possui a responsabilidade de dizer se aceitam ou não o voluntário para mordomo do próximo ano²⁷.

Porém, quando pergunto a João Medeiros se já houve situações em que os presentes não aceitassem o voluntário, João Medeiros é categórico na resposta; “sim, se for algum maluco ou bêbado ou alguém que não seja sério, o povo não aceita... e se o povo não aceitar ele não pode se apresentar mais naquele ano”, e lembra ainda que de uns trinta anos²⁸ pra cá, o que tem acontecido é de grupos de amigos ou parentes²⁹ formarem uma comissão para juntos organizarem a festa.

E aqui também encontramos outro termo utilizado para definir uma situação, “subir” que neste vocabulário significa aceitar a organização da festa, e se diz que “alguém

²⁶ O jornal **O Relvense**, de 05 de Julho de 1952, menciona naquele ano que a Folia do império da Trindade era composta por quatro homens de opa, com violino e pandeiro a entoar cantos específicos para o momento. In: José de Almeida Mello; José da Costa Melo, (Coord.). **Monografia da Relva, subsídios para sua história**. Relva: 2005. p. 52.

²⁷ É interessante lembrar que em alguns lugares do Brasil, como em São Romão em Minas Gerais por exemplo, há notícias de que o mordomo é escolhido através de sorteio. Eduardo Etzel menciona que há uma coroa onde está gravado que fora mandada fazer por um capitão de cavalo chamado João Veloso Falcão, que havia saído por sorte, Imperador do Divino. In: Eduardo Etzel. **Divino: Simbolismo no Folclore e na Arte Popular**. São Paulo: Livraria Kosamos Editorial, 1995. P.153.

²⁸ João Leal também fala de alterações ocorridas, por volta deste período, nas Festas do Espírito Santo, em Santa Maria. In: João Leal. **Cerimonial Relações Sociais e Tempo: As Festas do Espírito Santo nos Açores**, (Tese de Doutorado em Antropologia Social), Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da empresa. 1992. p. 37.

²⁹ O jornal **O Relvense**, de 05 de Julho de 1952, mencionava que o Império da Trindade, realizado naquele ano havia tido dois mordomos. In: José de Almeida Mello; José da Costa Melo, (Coord.), **Monografia Da Relva, Subsídios para a Sua História**. Relva: 2005. p. 52.

subiu” ou “o mordomo subiu”. E para não deixar nada de fora, “mordomo” é o nome dado ao organizador do Império, e o Império normalmente é realizado na sétima semana a seguir o dia da Páscoa, ou, na sétima domingo.

João Medeiros lembra que os mordomos podem ser pobres ou ricos, e independente das condições financeiras ou estatuto social, devem ser pessoas sérias e que o povo confie para a organização do império. Na organização das Festas do Espírito Santo, são imprescindíveis a escolha de um mordomo ou uma comissão mordoma. Porém o império, que neste caso se refere a toda a festa e sua organização, é realizado pelo povo, as pessoas da freguesia, os amigos e parentes dos mordomos e pessoas que se envolvem nas forças vivas da comunidade, e é por isto que quando se pergunta sobre a organização do Império na Relva, é comum dizerem que o império é do povo, e assim, o papel dos mordomos é apenas o de assumir o comando e as responsabilidades.

Desde algum tempo, cerca de trinta anos, como afirma João Medeiros, as Festas do Espírito Santo do Império da Trindade na Relva são organizadas por comissões, o que facilita a organização e torna as despesas menos pesadas. A atual comissão, da qual Carolina faz parte, já existe à três anos, ela própria já é mordoma pela terceira vez.

O grupo possui seis membros e sempre há novos membros a medida que antigos membros vão se retirando, existindo sempre um grupo com mais experiência, o que não significa que os antigos mordomos não deixem de trabalhar na organização das festas. Carolina lembra que nas comissões não há hierarquia, e que cada membro se responsabiliza por uma tarefa. Ficando responsável pelo pão, ou pela carne, ou ainda pelo vinho ou outras tarefas específica. Cada um faz aquilo que acha que está mais apto a fazer, assumindo e gerindo sua tarefa.

Sobre as tarefas executadas pela comissão, há uma que ocupa todos os elementos do grupo, a arrecadação do dinheiro das pensões, onde cada pessoa fica responsável por duas ruas da freguesia, nas quais todos os meses devem programar uma visita para receber os valores determinados por cada pessoa, de acordo com o tipo de pensão que escolherem.

Na Freguesia da Relva, podemos notar um empenho da comunidade em auxiliar e ajudar a patrocinar o Império através da compra de pensões, trabalhos voluntários e doações. No Brasil, onde a festa normalmente é organizada por pessoas ligadas à igreja, notamos que é preciso sempre fundos para a organização e preparação da festa, embora tenha uma concepção e objetivo geral diferentes.

Um dos momentos, talvez mais importantes, porém, com menor notoriedade ou alarde, é a escolha do mordomo, ou da comissão mordoma, e das domingas. Acontecia um pouco de surpresa, apesar de serem comuns conversas sobre o tema durante o dia, de forma que no momento da escolha, pode-se imaginar quem possivelmente poderá ser o mordomo.

O ritual é feito num palco improvisado junto ao Teadro, por vezes sem iluminação e com o auxílio de um microfone, uma pessoa à escolha de quem está organizando o ritual, normalmente uma criança, por vezes um adulto, retira daquilo que chamam de vaso, mas que pode ser um saco de papel ou um recipiente qualquer, um pedaço de papel com o nome de um candidato que ficará responsável pela respectiva dominga, em ordem de sorteio. O primeiro nome para a primeira dominga, e assim sucessivamente. A cada nome citado ouve-se um murmúrio em comentários a falar algum aspecto da pessoa, ou elogiando ou criticando.

Cada um dos sorteados deverá receber as insígnias sagradas em sua residência, transformando o espaço onde elas serão colocadas em local sagrado. Preparam uma sala especial para receber estes símbolos, a que chamam de Sala do Espírito Santo, muitas vezes em forma de altar, com paredes decoradas com cores brancas e vermelhas, enfeitada com velas e uma mesa que serve para a Coroa, o Cetro, a Bandeira e a Espada (espeto) do Espírito Santo.

A coroa do Império a Trindade fica sobre sua salva de prata e está sempre acompanhada do cetro, que na Relva, de acordo com João Medeiros, também é chamado de “mesura”. Este sim com uma Pomba no seu cimo, também em prata, em sentido de repouso. Estas três peças estão sempre juntas, a coroa sobre a salva e o cetro cruzado dentro da coroa. Por vezes são transportados com o Cetro separado da Coroa, sobretudo durante o cortejo.

Um detalhe diferencial no Império da Trindade é que os mastros não possuem a escultura de uma Pomba em seu topo. Em outras ilhas, pude testemunhar a existência de bandeiras brancas, também com as mesmas características.

A Espada ou Espeto do Espírito Santo do Império da Trindade é um dos itens mais interessantes do conjunto, não pelo seu aspecto comum para uma espada, mas por ser uma insígnia pouco comum nos impérios. Testemunhei a existência de menos de uma dezena delas na Ilha de São Miguel, e acompanha sempre as outras peças. Sobre a espada, podemos encontrar também em Santa Catarina, onde presenciei a existência de uma na Festa do Divino Espírito Santo de Santo Amaro da Imperatriz.

A respeito das domingas, o nome escolhido para a primeira dominga é quem fica com as insígnias do Espírito Santo em sua casa durante todo ano. As peças saem da casa do mordomo ou do Teadro, e seguem diretamente para a casa do responsável pela primeira dominga, onde ficará até a Páscoa seguinte quando entra na sua última semana antes de seguir para a casa do responsável pela Segunda Dominga.

Durante o ano, o responsável pela primeira dominga deve se comprometer a rezar um terço todos os dias. Não é considerado uma obrigação, porém, ao considerar-se que foi por vontade do Espírito Santo que o nome do responsável pela primeira dominga foi sorteado como primeira, não se deve desrespeitar a vontade do Espírito Santo.

Os responsáveis pelas domingas seguintes devem rezar um terço todas as noites e também preparam um altar com flores e velas para receber as insígnias do Espírito Santo, ficam com elas em casa durante uma semana, até serem levadas para a casa do responsável pela dominga seguinte, e assim por diante até a sétima semana, quando as insígnias são levadas para a casa do mordomo ou para o Teadro, onde passam a fazer parte do Império.

Na Relva, no final de cada dominga acontece uma coroação. O responsável pela dominga por vezes escolhe um filho ou filha para ser coroada, outras vezes escolhe um parente, uma criança ou um adulto que deseja ser coroado. Pode haver mais de uma coroa. Conversam com os amigos, combinam ou atendem pedidos de interessados e fazem a coroação com a coroa principal do império. Podem ainda pedir coroas emprestadas para coroar outras crianças ou adultos, e assim, pode haver coroações coletivas, basta conseguir uma coroa, e ter o pedido atendido para poder participar da cerimônia com uma coroação.

No dia da coroação, o responsável pela dominga, que tem a posse da coroa principal, segue em procissão para a igreja. Segue a pé, normalmente com a família ou mais algumas pessoas em grupos, ou mesmo, chamar a filarmônica para acompanhar a procissão, isto depende também das condições financeiras de cada um.

A coroação acontece após a missa, com o padre no altar, o mordomo junta-se a ele com seus acompanhantes que trazem as insígnias do Espírito Santo, entre elas a coroa, e o padre então retira a coroa da salva e realiza a coroação, colocando a coroa sobre a cabeça

de quem vai ser coroado. A seguir executa algumas orações em latim³⁰ e depois realiza um ritual de purificação com incenso e água benta, depois, retira a coroa da cabeça de quem foi coroado terminando assim o ritual.

Após a missa e todo o cerimonial de coroação, as insígnias são entregues ao mordomo seguinte que segue em direção a sua residência onde repete o ritual de preparação de um altar ou sala para abrigar o Espírito Santo, com as condições e disponibilidades para receber os vizinhos e promover suas obrigações durante a semana em que fica responsável pela dominga.

Durante as seis semanas que se seguem ao dia de Páscoa, cada responsável por sua dominga realiza coroações após as missas de cada Domingo, também fazem as orações em casa e os cortejos, até o início da semana da festa que se realiza na sétima dominga.

A organização da festa do ano seguinte começa logo na noite de domingo da última dominga, no momento em que o mordomo “sobe no Teadro” e pergunta se há alguém interessado em ser o mordomo do ano seguinte, quando este se apresenta e é aceito pelos presentes, começa imediatamente a preparar os próximo festejos.

Não é exatamente um ritual de passagem, tudo acontece como em continuidade, a festa não termina nem começa, o ciclo segue sem interrupção, numa continuidade sem fim, apenas os agentes promotores é que são outros, os articuladores, uma vez que todo o mecanismo, incluindo os voluntários serão os mesmos, com poucas variações.

Para a organização do império é necessário aplicar um elaborado plano logístico que com o tempo passou a fazer parte do ritual, de forma que tudo é organizado e executado quase que automaticamente, sem a necessidade de estudos ou planos minuciosos.

Uma das primeiras tarefas consiste em “Arrolar as Pensões”, ou seja, nos dias seguintes a subida do mordomo, este corre de casa em casa na freguesia para verificar quais as famílias que desejam receber as pensões do Espírito Santo na semana da festa do ano seguinte. As famílias que desejam receber as pensões, devem pagar por elas. Escolhem

³⁰ Padre Octavio de Medeiros, Vigário episcopal de São Miguel e Professor da Universidade dos Açores, em entrevista realizada em Julho de 2010, lembra que atualmente esta oração, oração do dia de Pentecostes, já pode ser rezada em língua portuguesa.

o tipo de pensão que desejam e pagam, de uma só vez ou em pequenas parcelas ao longo do ano.

As pensões são formadas basicamente por carne, pão, massa e vinho, e são separadas em quatro categorias de acordo com seu peso e preço. Carolina lembra que, começando pelas pensões mais baratas, há a de sessenta euros³¹ que são constituídas por cinco quilos de carne, um pão, uma argola de massa pequena e cinco litros de vinho de cheiro. Também as pensões de cinquenta e sete euros, composta por sete quilos e meio de carne, um pão, uma argola de massa pequena e cinco litros de vinho. Há as pensões de cem euros, que são formadas por dez quilos de carne, um pão, uma argola de massa grande e cinco litros de vinho. E por último a “pensão de criador” de cento e cinquenta euros, a maior, composta por vinte e dois quilos de carne, dois pães, uma argola de massa grande, um pão de ló e dez litros de vinho.

Esta entrega é um ritual a parte, com a presença dos Foliões que caminham em cortejo pelas ruas a cantar até a casa daquele que vai receber a pensão, cantam a porta ou entram na casa dos que ficam com a “pensão de criador”, a mais cara. Sempre com carrinhas das pessoas da comunidade, decoradas com símbolos do Espírito Santo, lembrando de outras épocas em que este ritual era feito acompanhado de carros de boi pelas ruas da freguesia.

Cada massa sovada é embalada de forma especial, papéis coloridos, ou plásticos, por vezes ramos de flores ou laços. A carne e o vinho são todos muito bem apresentados, e tudo é acompanhado pelos Foliões do Divino e seus instrumentos. Os produtos seguem em carros enfeitados com flores, laços e estrelas douradas com muitos ramos de plantas e flores e bastante referências ao dia de Pentecostes com pombas, raios e coroas.

Ao receber a pensão, o dono da casa ou responsável, a coloca sobre uma mesa ou um espaço específico e preparado como um altar, normalmente com uma toalha vermelha, imagens de santos e algumas velas acesas, e é comum ficarem ali por algum tempo, por

³¹ Dentro de um cenário em que o salário mínimo em Portugal está estabelecido em quatrocentos e oitenta e cinco euros.

serem considerados semi-sagrados, assim como a refeição que será preparada com a pensão.

Até poucos anos, nas semanas seguintes a subida do novo mordomo, este adquiria ou recebia doação de gado, que a pedido do mordomo eram levados aos lavradores que se propunham cria-los durante aquele ano até o dia da sétima dominga do ano seguinte, quando havia uma espécie de desfile para buscar o gado, com as vacas enfeitadas com flores de papel, e figuras alusivas ao Espírito Santo.

É este caráter de voluntariado que envolve todo o ciclo do divino, é fundamental para a sua realização, desde o momento em que o novo mordomo sobe, ele mesmo um voluntário, até o momento em que ele como mordomo pergunta ao povo se há alguém que deseja servir como próximo mordomo, já no final da festa, dando continuidade ao ciclo.

João Medeiros lembra que a partir do momento em que os lavradores aceitavam criar o gado, este era levado ao respectivo lavrador para ser criado durante aquele ano, e era sempre tratado da melhor forma, por vezes melhor do que o próprio gado de quem o estava criando.

Na época em que o Império da Trindade ainda criava o gado, na semana do Império realizava-se a “busca do gado”, algo que se tornava um ritual especial inserido no ciclo da festa, uma vez que tinha acompanhamento dos foliões e da bandeira.

Seguia-se até o local onde o gado estava guardado, e enfeitava-se o gado com flores de papéis que eram coladas no próprio couro do animal, de forma que passava a ser um animal sagrado. Realizava-se depois uma espécie de desfile pelas ruas com os bois enfeitados em direção ao espaço de trabalho do império. Ritual que nos últimos anos, tem vindo a desaparecer aos poucos por toda ilha de São Miguel.

O Império da Trindade da Relva possui um espaço próprio para a preparação dos alimentos, chamam de “Barracão do Espírito Santo” e é exatamente o que o próprio nome descreve, um galpão improvisado, feito com partes de madeira, chapas e telhas doadas pela gente local, e é ali que é preparado todo o Império, desde alguns jantares, a preparação das pensões e as sopas que são servidas logo em frente do barracão, que fica na mesma rua do Teadro da Trindade.

Após desfilar com o gado, quando ainda haviam os criadores, com a companhia quase constante dos foliões e das bandeiras do Espírito Santo, o gado era abatido, tratavam-se os cortes, e separavam-se as carnes, pesavam cada parte para as pensões e o que seria servido nas sopas. Atualmente as coisas mudaram, nas palavras de João

Medeiros, com as novas leis da União Europeia³², o gado tem de ser morto no matadouro, “antigamente, sim era morto no local, mas depois de morto vem um açougueiro contratado pelo mordomo para o local partir a carne”.

Em meio a todo este ritual, vale a pena lembrar que a organização é feita sem que haja uma instituição propriamente dita, nem confraria, nem irmandade, nem instituição com estatuto ou documentos, ou reuniões reguladoras, apenas uma comissão ou um mordomo com seus familiares e voluntários, que se reúne voluntariamente.

Regida pelos costumes seculares, na semana do império, em meio aos preparativos da festa, é rezado um terço junto ao Teadro todas as noites entre às dezenove e vinte horas, de Segunda à Sábado, e todos os dias há jantares e convidados, movimento junto ao Barracão do Espírito Santo, e trabalhos que se prolongam noite à dentro, sem horário fixo para seu término, iniciando normalmente pelas oito horas da manhã e indo até as três da madrugada, de acordo com as tarefas, as obrigações do dia e o movimento de pessoas no barracão.

Na Segunda-Feira da semana do império acontece a prova do vinho, que no caso do Império da Trindade é feita na Adega Rainha³³, localizada na Ribeira das Tainhas em Vila Franca do Campo, cerca de 35 quilômetros da Relva.

Neste dia os mordomos levam apenas um barril de cinquenta litros de vinho para a Relva, o suficiente para abastecer o barracão durante a semana, enquanto que o restante do vinho é levado em garrações de cinco litros, preparados para serem entregues com as pensões, e também alguns barris que serão servidos durante as sopas no Domingo, quando uma dezena de homens e mulheres correm ao longo da mesa a servirem vinhos em jarros aos que desejam.

Nesta mesma Segunda-Feira da semana do império, era servida uma ceia especial aos lavradores que criavam o gado do Espírito Santo, uma espécie de agradecimento ao trabalho de cuidar do gado. Na Terça-Feira e na Quarta-Feira começa a distribuição de

³² As Leis da União Europeia as quais João Medeiros se refere, são as Leis aplicadas na área de Segurança Alimentar, com um sistema de auto-controle específico, o HACCP e uma série de pré-requisitos e regras sanitárias e de boa conduta, aplicadas e fiscalizadas severamente por todo território português.

³³ Adega de Manuel F. Simas Rainha, localizada na Vila Nova - Ribeira das Tainhas - Vila Franca do Campo, Açores.

alimentos para os idosos e para as crianças da Relva. Os mordomos chamam as crianças da creche ou os idosos para um almoço no Barracão, e quem ajuda no império também janta no Barracão do Império.

Por vezes alguém da comunidade doa um porco criado em casa, especialmente para o Império, como pagamento de promessa ou forma de contribuição, e quando isto acontece é comum fazerem a matança na Quarta-Feira, no barracão do Espírito Santo, por volta das 19 horas, e entram noite a dentro preparando debulho e outros derivados e separando a carne para alimentação durante a semana e para a ceia dos criadores.

No decorrer da festa são montadas uma barraca e um bazar que ajudam a entreter a todos aqueles que se juntam ao Teadro na ocasião das festividades. A barraca é fornecida pela Câmara Municipal de Ponta Delgada, enquanto que o Bazar, construído a alguns anos, pertence ao Império da Trindade. Ambos são montados junto ao Teadro da Trindade, na rua de Baixo e são essenciais para animar os dias de festa.

Na barraca vendem-se cerveja, vinho de cheiro, sumos e alguns petiscos como tremoços, chouriço, morcela, asas de galinha, ovos cozidos e batatas com pimenta³⁴. Enquanto que no Bazar vendem-se uma espécie de rifa, sorteada na hora, e que sorteiam doces e prêmios doados pelas empresas e gentes da freguesia, e que consistem em pequenas folhas de papel, de cerca de 7 X 7 centímetros, enroladas de forma a parecerem palitos redondos, e dobrados ao meio, cujo interior escondem um número ou uma letra que corresponde a alguma oferta ou prêmio.

São vendidos em sacos de plásticos com um punhado de papéis, cerca de vinte folhinhas, em que as pessoas ficam longos minutos a desenrolar um por um, com cuidado, a espera de encontrarem algum prêmio, de forma que basta poucas horas para que as calçadas fiquem repletas de papéis em branco, soprados pelo vento de um lado para outro e anunciando a presença do bazar e da festa.

Na Sexta-Feira, já nos últimos dias da semana do Império da Trindade de 2011, a programação apresentou a abertura do bazar e da barraca às 20 horas, e logo em seguida,

³⁴ São batatas lavadas e cozidas inteiras, com um corte profundo recheado com massa de pimenta, uma pimenta leve e utilizada em muitos alimentos da região.

às 21 horas, um momento mais atrativo com a atuação de um grupo local de *Hip-Hop*, chamado *New Generation*, o que demonstra o caráter jovem dos organizadores e a intenção de atrair jovens e adolescentes da freguesia para os eventos da semana do Império.

Para além da programação “oficial”, Sexta-Feira também é o dia em que chega a carne vinda direto do matadouro. Logo pela manhã, começam os preparativos para receber a carne e dividir as pensões. São cerca de dez à doze vacas, dependendo do número de pensões arroladas (vendidas) durante o ano. Antigamente este gado era criado pelos lavradores locais, cada um ficava responsável por uma vaca, atualmente são compradas diretamente do matadouro.

Depois de pendurada na estrutura montada no interior do barracão, começam os trabalhos de desmanche dos quartos de carne, e a divisão em partes adequadas para as pensões, ou pedaços menores para as sopas. Neste trabalho são contratados profissionais dos açougues da região, gente que antigamente trabalhava por gosto ao Espírito Santo, mas agora precisam cobrar para ajudar nas despesas pessoais. Carolina ainda lamente ao fazer referência à crise que os obrigam a cobrar pelo trabalho no barracão.

A carne é cortada em bocados, pesada e colocada em sacolas ou sacos para serem distribuídas com as pensões. Um trabalho que segue noite a dentro e envolve cerca de doze a quinze pessoas, enquanto oito ou dez homens cortam, serram e separam a carne por peso, algumas senhoras fazem um trabalho mais minucioso de separar pequenos pedaços para as sopas ou para a carne guisada de Domingo.

Por volta das dezoito ou dezenove horas o padre da freguesia, que até então teve pouca participação nos eventos, vai até ao Barracão do Espírito Santo para benzer a carne, a massa sovada e o pão das pensões, que começam a ser distribuídas logo a seguir, a partir das vinte ou vinte e uma horas, primeiro para fora da freguesia, deixando as pensões da freguesia para o Sábado.

A entrega das pensões se estende por todo Sábado, em todas as ruas da freguesia, de acordo com o interesse daqueles que, ao longo do ano, garantiram sua pensão com pagamentos fracionados e de fácil acesso. E é no Sábado que os preparativos se intensificam. À noite, após a entrega das pensões, organiza-se apresentações folclóricas com os grupos da freguesia, abrem-se a barraca e o bazar, e reforçam-se os trabalhos de preparativos das sopas e da carne guisada a serem servidas no dia seguinte.

No Domingo acontece o culminar da festa, com os trabalhos a amanhecerem com o dia, após uma noite inteira a preparar as sopas e a carne guisada. O dia segue com a Missa

Campal, e em seguida são servidas as Sopas do Espírito Santo. E ao fim da tarde, às dezoito horas, tem a coroação acompanhada pela Banda Nossa Senhora das Neves, também abrem-se o bazar e a barraca às vinte horas e as vinte e três são sorteadas as domingas, seguida pela subida do mordomo e com o enceramento da festa marcado para as vinte e quatro horas.

A missa de domingo é rezada em campo aberto, uma missa campal, junto ao Teadro do Espírito Santo. Ao fim da missa a mesa é posta ao longa da Rua de Cima, uma mesa com cerca de cinquenta metros, por vezes um pouco mais, e antes que termine a missa, o padre convida todos para se reunirem ao fim da tarde junto ao Teadro para a cerimônia de coroação.

Dentro do Barracão cerca de quarenta a cinquenta pessoas trabalham na cozinha, preparando os detalhes para o grande banquete que será servido dali a poucos minutos. Em 2011, serviram-se sopa para cerca de mil pessoas, incluindo os próprios voluntários, em mesas com capacidade para duzentas pessoas, que se revezam cedendo lugares a quem ainda não foi servido, ao longo da tarde, até que todos estejam satisfeitos e que os últimos a serem servidos, no caso os próprios mordomos e voluntários, sentam-se quando a tarde já está avançada.

Quando cada um termina de comer a sua sopa, é servido uma porção de carne guisada, que também é levado à mesa em sopeiras, as mesmas utilizada pela sopa, primeiro serve-se a sopa e só depois a carne guisada, ao gosto de quem está sendo servido, com vinho de cheiro e aroma de hortelã. E assim que alguém termina a refeição, levanta-se cedendo seu lugar a outros que vão chegando ao longo da tarde, também para a sopa.

Ao fim da tarde, com horário marcado na programação para as dezoito horas e trinta minutos, acontece o “cortejo”, que na Relva também é conhecido como coroação, mas que consiste em uma procissão ou desfile, pelas ruas da freguesia, e que possui uma ordem hierárquica inserida no contexto da festa, onde as crianças assumem uma importância destacada sobre os adultos, e mesmo sobre as autoridades locais.

A Coroação, neste caso, a “procissão”, tem início junto ao Teadro, próximo ao barracão e onde foram servidas as sopas, seguindo pelas ruas da freguesia, de forma a contornar toda área urbana da Relva, passando por todas as ruas, todas repletas de observadores, senhoras e crianças sentadas nas calçadas ou em suas cadeiras, e colchas coloridas penduradas nas janelas e sacadas das casas pelas ruas. E acaba por terminar onde começou, junto ao Teadro, local onde é realizada a coroação propriamente dita.

É importante lembrar que na Freguesia da Relva, o termo coroação não se limita apenas ao ato de coroar alguém, criança ou adulto, o que é feito após a missa que acontece ao fim de cada uma das seis domingos que antecedem o império. Mas também, define todo o cerimonial que envolve a procissão ou cortejo, em uma ordem pré-estabelecida, acompanhado das insígnias do Espírito Santo, e que acontece no Domingo da sétima domingo, ou seja, no principal dia do Império culminando com o ritual de coroação em si.

Na coroação realizada no Império da Trindade, em 2009, pude contar um total de cerca de noventa pessoas, somando-se ainda cerca de vinte e cinco membros da Banda Nossa Senhora das Neves, uma filarmônica fundada em Janeiro de 1866, e que costuma estar presente em todos os eventos da freguesia. E é o compasso da filarmônica que marca a velocidade em que segue a procissão, e sua presença é fundamental para o seguimento da coroação.

Ao longo das ruas notamos a sensibilização de todos na Freguesia, gente que se prostra a janela, abrem as porta e se colocam na calçada, os mais velhos em bancos improvisados ou cadeiras que levam para a rua para homenagear o Espírito Santo, e nas janelas podem-se ver colchas coloridas, algumas bandeiras e tapetes que, pendurados nas janelas, ladeiam as ruas por onde as insígnias do Espírito Santo passam.

É um percurso de cerca de três quilômetros e meio, e passa por quase todas as ruas da freguesia, serpenteando a área urbana da freguesia até chegar novamente ao ponto de origem, e tudo isto sem a presença do Padre local. Terminando com o Hino do Espírito Santo, executado pela Banda Nossa Senhora das Neves, junto ao Teadro, onde é finalizada a coroação.

Por vezes, no período de tempo entre a coroação e os espetáculos na noite de Domingo, são feitos leilões com animais doados, as vezes uma cabra ou um porco, também galinhas ou bolos e doces. Na Relva, Carolina lembra que faz alguns anos que não são oferecidos animais para leilões, por isto ultimamente não se realizam mais leilões naquele império.

Em 2011, os festejos de domingo a noite tiveram como atração o Grupo Musical *Fashion Girls*. E Finaliza-se com o sorteio das domingos, às vinte e três horas, e logo a seguir, a subida do próximo mordomo, que deu continuidade ao ciclo do Espírito Santo no Império da Trindade da Freguesia da Relva, como algo que não termina.

Além de todos estes rituais, os festejos de um ano e a missão do mordomo anterior só termino na semana seguinte, quando um outro mordomo já esta trabalhando nos

preparativos do ano seguinte, quando na Quarta-Feira, após a realização do Império, os antigos mordomos realizam a Ceia de Criadores, que acontece a partir das vinte horas, e por vezes conta com músicos convidados.

Na Relva, esta ceia acontece no Salão Cultural e Recreativo de Nossa Senhora das Neves. E onde comparecem todas as pessoas que adquiriram “pensão de criador” (cento e cinquenta euros) e todos os voluntários que estiveram a ajudar toda a semana, finalizando assim mais um ciclo do Divino Espírito Santo.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

_____**Arquivo dos Açores**, edição facsimilada da edição original. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1980.

_____**Livro do Primeiro Congresso Açoriano que se reuniu em Lisboa de 8 a 15 de Maio de 1938**. Lisboa: Grémio dos Açores, Jornal de Cultura, 1940.

_____**VVAA. 4ª Congresso das Comunidades Açorianas**. Angra do Heroísmo: Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas.

ABREU, Martha. **O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro: 1830-1900**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

ALMEIDA, Onésimo Teotónio. **Açores, Açorianos, Açorianidade – Um Espaço Cultural**. Ponta Delgada: Signo, 1989.

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. **O Hospital do Espírito Santo de Portel na Época Moderna**. In: Cadernos de Noroeste, Série História 3, 20 (1-2), 2003.

BETHENCOURT, Francisco; CHAUDHURI, Kirt, (Dir). **História da Expansão Portuguesa, V. I**. Navarra: Círculo dos Leitores e Autores, 1998.

BOFF, Leonardo. **Igreja, Carisma e Poder: ensaios de eclesiologia militante**. Lisboa: Editorial Inquérito, 1981.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna, Europa, 1500-1800**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

CHAGAS, Frei Diogo das. **Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores**. Ponta Delgada-Angra do Heroísmo: Universidade dos Açores/Direção Regional dos Assuntos Culturais, 1989.

COELHO, Maria Helena da Cruz. As confrarias Medievais Portuguesas: espaços de solidariedades na vida e na morte. in: **Confrarias, Grémios e solidariedades en la Europa Medieval, XIX Seminário de Estudos Medievais**. Pamplona: 1993.

CONDE, Manuel Sílvio Alves. **O Hospital Medieval do Espírito Santo de Sesimbra, e a assistência caritativa portuguesa**. Sesimbra: 2004.

CORDEIRO, Carlos & MADEIRA, Artur Boavida. **A Emigração Açoriana para o Brasil (1541-1820): uma Leitura em Torno de Interesses e Vontades**. In: Revista Arquipélago (História) 2ª Série VII, 2003.

CORRÊA, Luiz Nilton. Emigração açoriana para Curaçao. In: Maria Lucinda Fonseca (Coord). **Atas da Conferencia Internacional Aproximando Mundos: Emigração, imigração e Desenvolvimento em Espaços Insulares**. Lisboa: 2010.

CORRÊA, Luiz Nilton. **Festas do Divino Espírito Santo: dos Açores ao Brasil, um estudo comparativo**. (Tese de doutorado em Antropologia Cultural defendida a Universidade de Salamanca). Salamanca. 2012.

Maria Antonieta Moreira da Costa. **Espírito Santo: O Culto e a Festa em espaços Lusófonos** - Uma lição de História. Disponível em: <http://www.portaldodivino.com/Textos_2008/texto1.htm> Consultado em: 20 Jun. 2010.

COSTA, Susana Goulart da. **Viver e Morrer religiosamente. Ilha de S. Miguel, Século XVIII.** Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2007.

DOUGLAS, Mary. **Símbolos naturales, Exploraciones en cosmología.** Madrid: Alianza Editorial, 1988.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ESPINA BARRIO, Angel Baldomero. **Manual de Antropologia Cultural. Recife:** Ed. Massangana, 2005.

ETZEL, Eduardo. **Divino: Simbolismo no Folclore e na Arte Popular.** São Paulo: Livraria Kosamos Editorial, 1995.

EVANS-PRITCHARD, Edward. **Antropologia Social da Religião.** Rio de Janeiro: Editora Campus, 1978.

FARIAS, Vilson Francisco de. **Dos Açores Ao Brasil Meridional: Uma viagem no tempo.** Florianópolis: Ed. Do Autor, 1998.

FRUTUOSO, Doutor Gaspar. **Saudades da Terra, Ponta Delgada.** Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GONSALVES, José Reginaldo Santos; CONTINS, Marcia. **Entre O Divino E Os Homens: A Arte Nas Festas Do Divino Espírito Santo.** Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil. In: Horizontes Antropológicos, V.14, N°29. Porto Alegre: Janeiro, 2008.

JOCHEM, Toni. **Uma Caminhada de Fé: História da Paróquia Santo Amaro. Santo Amaro da Imperatriz e Águas Mornas-SC.** Santo Amaro da Imperatriz: Ed. do Autor, 2005.

LEAL, João. **As Festas do Espírito Santo nos Açores: um estudo de Antropologia social.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.

LEAL, João. **Açores, EUA, Brasil: Imigração e Etnicidade.** Direcção Regional das Comunidades, Nova Gráfica, 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claud. **Mito e Significado.** Lisboa: Edições 70, 2007.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Uma Teoria Científica de Cultura.** Coimbra: Edições 70, 2009.

MARQUES, Francisco Ester de Sá. **A Imigração Açoriana no Maranhão e a fundação de São Luís** 2008. In: Disponível em: <http://www.adiaspora.com/_port/educa/trabalho/esterimigracao.htm>. Acesso em: 23 Out. 2009.

MATTOSO, José (dir). **História de Portugal.** Lisboa: Círculo dos Leitores, 1994.

MEDEIROS, João Soares. **Igreja Paroquial de Nossa Senhora das Neves, Freguesia da Relva: Subsídios e documentação cronológica para sua história.** (Obra não publicada).

MEIRELES, Cecília. Panorama Folclórico dos Açores especialmente da Ilha de São Miguel. In: **Insulana XI**, 1955.

MENEZES, Manuel de Sousa. Os Casais Açorianos no Povoamento de Santa Catarina”. In: **Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira 10**, 1952.

MONTEIRO, Albertino. O Arquipélago dos Açores Como Região de Fronteira. In: **Revista Arquipélago História, Revista da Universidade dos Açores**, 2ª Série, 2005 – 2006. Vols IX, X.

NEMÉSIO, Vitorino. O Açoriano e os Açores, 1929. In: GOUVEIA, M. Margarida (Ed), **Vitorino Nemésio, Estudo e Antologia**. ICALP, 1986.

NUNES, Lélia Pereira da Silva. Crônicas Pedra de Toque. In: **Jornal Português Times**. New Bedford: USA, 24 de Janeiro de 2007.

NUNES, Lélia Pereira; BLAYE, Irene Maria F. **Caminhos do Divino, um olhar sobre a Festa do Divino em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora Insular, 2007.

PEIRANO, Mariza. **O dito e o feito: ensaios de Antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

PEREIRA, Nereu do Vale. **As Folias e a Festa do Divino Espírito Santo: Ribeirão da Ilha, Vida e Retrato: um Distrito em Destaque**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1990.

REIS, Agostinho José Mendes dos. Documentação sobre a visita em 1811 do representante do Bispo do Rio de Janeiro. In: **Revista do IHGSC, 3ª.fase, n.1, 1º.sem**. Florianópolis: IOESC, 1979.

RODRIGUES, Donizete. **Sociologia da religião: Uma Introdução**. Porto: Edições Afrontamentos, 2007.

RODRIGUES, José Damião; MADEIRA Artur Boavida. Rivalidades imperiais e emigração: os açorianos no Maranhão e no Pará nos séculos XVII e XVIII. In: **Anais de História de Além-Mar**. Lisboa: vol. IV, 2003.

SALVADO, Maria Adelaide Neto. **O Culto do Espírito Santo em Terras da Beira Baixa – as longincuas raízes**. Cárceres: BAND, 1998.

SALVADO, Maria Adelaide Neto. **Capela do Espírito Santo de Castelo Branco: elementos para seu conhecimento.** Castelo Branco: Edição Câmara Municipal de Castelo Branco, 2005.

SALVADOR, Mari Lynn. **Festas Açorianas. Portuguese religious celebrations in California and the Azores.** Oakland: The Oakland Museum History Department, 1981.

SHILS, Eduardo. **Centro e Periferia, Memória e Sociedade.** Lisboa: Difel, 1992.

VEIGA, Nilza Gonsalvez. **Colonização Portuguesa no Maranhão. Cap. V.** Disponível em: <http://www.adiaspora.com/_port/educa/trabalho/esterimigracao.htm> Acesso em: 23 Set. 2009.

SITES/WEB

Festa do Divino Espírito Santo, Vale Guaporé. Disponível em: <www.pakaas.net> Acesso em: 18 set. 2011.

Portal do Divino. Disponível em: <<http://www.portaldodivino.com>> Acesso em: 22 Nov. 2011.